

## Auto-revelação na Internet: um estudo com estudantes universitários

Ana Cristina Garcia Dias  
Marco Antônio Pereira Teixeira

**Resumo:** O objetivo deste estudo foi verificar diferenças na disposição de universitários para auto-revelarem-se em contextos face a face (FaF) e virtuais (*chats*). Um questionário que avalia seis áreas de auto-revelação foi aplicado a 180 universitários com idades entre 18 e 36 anos (56,1% mulheres). Os participantes foram solicitados a avaliar sua intenção de auto-revelação nos seguintes contextos: FaF com amiga, FaF com amigo, desconhecida em um *chat* e desconhecido em um *chat*. A disposição para revelação de si foi mais alta para o contexto FaF do que para o virtual nas seis áreas. Algumas diferenças entre os sexos foram observadas. Os resultados sugerem que os estereótipos de gênero tendem a ser reproduzidos nas relações virtuais, e que os *chats* são considerados um contexto menos favorável à auto-revelação do que o contexto FaF.  
**Palavras-chave:** auto-revelação, Internet, comunicação.

### Self-disclosure in the Internet: A study with university students

**Abstract:** The aim of this study was to compare undergraduates' intent to self-disclose in face to face (FtF) and virtual environments (chatrooms). A questionnaire covering six areas of self-disclosure was applied to 180 university students aged between 18 and 36 years (56,1% women). Participants were asked to evaluate their intent to self-disclose in the following situations: FtF with a female friend, FtF with a male friend, to an unknown female in a chatroom, and to an unknown male in a chatroom. Intent to self-disclose was higher for the FtF context than for the virtual context, in all six areas. Some gender differences were observed. Results suggest that gender stereotypes tend to be reproduced in virtual relationships, and that chatrooms are considered a context less favorable to self-disclosure than the FtF context.  
**Key words:** self-disclosure, Internet, communication.

---

### Introdução

A expansão do uso da Internet, principalmente a partir da década de 1990, vem produzindo mudanças na forma das pessoas se relacionarem umas com as outras. Antes desse período, a Internet era vista basicamente como um recurso capaz de oferecer uma grande quantidade de informações impessoais, chegando a ser considerada eventualmente uma ameaça às relações pessoais devido à redução dos contatos presenciais necessários à obtenção de informações (Weisgerber, 2000). No entanto, a penetração da rede no cotidiano fez com que milhares de pessoas adquirissem o hábito de dispensar várias horas de lazer na utilização da Internet, além do tempo já gasto no desenvolvimento de atividades relacionadas ao trabalho e ao estudo (Leitão & Nicolaci-da-Costa, 2000). Assim, de um simples instrumento de pesquisa ou fonte de informações, a Internet passou a ter um papel fundamental na vida social de muitas pessoas.

Nicolaci-da-Costa (2005) observa que a Internet está provocando impactos profundos em diferentes setores da vida social e pessoal dos indivíduos. Para a autora, esta tecnologia revolucionária vem reconfigurando tanto as relações sociais quanto a própria subjetividade. Ela está possibilitando a emergência de um sujeito flexível, adaptável, inquieto, ágil, aberto à experiência e multifacetado. Este indivíduo sente prazer em quase tudo que faz *online* e utiliza a rede, especialmente, com objetivos de auto-expressão e auto-conhecimento.

Para Nicolaci-da-Costa (2005), a Internet oferece diferentes espaços através dos quais os sujeitos podem se expressar, sendo que muitas vezes um mesmo indivíduo pode ocupar simultaneamente diversos desses espaços. Na Internet as pessoas podem, através da revelação de si, construir diferentes narrativas sobre seu eu, apresentando diferentes características, identidades ou facetas de seu si-mesmo. O conhecimento de si é construído através do retorno oferecido pelo outro; retorno este que é uma resposta a essa revelação de si. Contudo, devido à multiplicidade de espaços e possibilidades de narrativas que o ambiente virtual oferece, a auto-revelação (ou *self-disclosure*) está sujeita a inúmeras variações e redefinições, tendo como ponto de unificação apenas o próprio sujeito enunciador da narrativa pessoal.

A auto-revelação é um aspecto central a ser estudado no contexto da rede. A revelação de si, além de ser um instrumento importante na construção da identidade, é a principal via através da qual se desenvolvem as relações na Internet. Mas teria a auto-revelação via rede as mesmas características que a auto-revelação em contextos face a face? Esta é uma questão que tem sido abordada na literatura recente sobre Internet.

Merkle e Richardson (2000) indicam que, diferentemente do contexto face a face, a Internet é um ambiente onde a auto-revelação tem um papel central nas interações que são estabelecidas. É através das habilidades que o indivíduo tem para se auto-revelar e compartilhar pontos de vista pessoais na rede que uma relação pode ser construída, mantida ou transformada. Na rede, a revelação de si cumpre a função de aproximar pessoas que, no contexto presencial, poderiam tanto sentir-se atraídas por outros fatores (como, por exemplo, a aparência) como distanciadas por preconceitos ou estereótipos (Schnarch, 1997). Assim, a revelação de si na Internet pode ser considerada o comportamento-chave em torno do qual se desenvolvem as relações interpessoais na rede. Alguns autores, como Merkle (1999), indicam que a revelação de si, apesar de possuir uma função semelhante – a aproximação de pessoas – ocorre de maneira diferente nos contextos face a face e virtual, uma vez que é realizada predominantemente entre pessoas desconhecidas, que percebem o intercâmbio de informações pessoais como uma oportunidade única de se conhecerem e manterem as relações por eles iniciadas. Em outras palavras, se não há revelação de si, não há o estabelecimento e manutenção de uma relação interpessoal.

Além disso, a Internet, por possibilitar a comunicação em situação de anonimato, permite a vivência de uma experiência clássica relatada na literatura sobre a revelação de si conhecida como a “situação do estranho”. Esta situação se caracteriza pela revelação espontânea de aspectos da sua intimidade que um sujeito pode fazer a um estranho em ambientes cotidianos, como um trem, por exemplo. Essa revelação ocorreria porque o anonimato daria ao sujeito que se revela uma sensação de liberdade e proteção, uma vez que os riscos de sofrer algum tipo de consequência negativa devido à revelação são menores do que em situações que envolvem pessoas conhecidas.

Apesar da sua importância, observa-se que os estudos sobre a auto-revelação na Internet são ainda incipientes. Os primeiros trabalhos desenvolvidos sobre o tema foram feitos, em sua maioria, por terapeutas de família utilizando-se de observações clínicas, revisões de literatura e experiências de trabalho em *sites* destinados a responder questões sobre sexualidade na rede (Grayson & Schwartz, 2000; Leon & Rotunda, 2000; Merkle & Richardson, 2000; Schnarch, 1997; Suller, 1999). Observa-se ainda um volume restrito de estudos empíricos destinados a conhecer de maneira detalhada as diferenças entre a revelação de si nos contextos face a face e na rede.

Velkovska (2002), em um estudo que teve por objetivo compreender as conversações íntimas na rede, observou que a revelação de si no ambiente virtual seguia um protocolo implícito, no qual os indivíduos, para estabelecerem e manterem uma relação, deviam realizar tanto perguntas quanto oferecer respostas acerca de si mesmos. Nas situações em que isso não ocorreu, observou-se tanto estranhamento como desinteresse pela manutenção desse contato via rede. A autora considerou que o fluxo contínuo de troca de informações é o que garante o estabelecimento deste espaço comum; desta forma, silêncios não costumam ser tolerados na rede.

Já no contexto face a face, a auto-revelação não é tão essencial, embora esta cumpra a tarefa de aproximar pessoas que já se conhecem fisicamente e buscam uma maior afinidade e/ou proximidade. As relações estabelecidas presencialmente não se fundam exclusivamente na auto-revelação, uma vez que existem outras vias para a troca de informações e sentimentos. Na verdade, alguns autores sugerem que a auto-revelação via rede, especialmente no que se refere aos aspectos íntimos, ocorre de maneira mais rápida e profunda do que nas relações estabelecidas no contexto presencial, uma vez que o distanciamento físico e o anonimato facilitariam a revelação (Joinson, 2001; Parks & Floyd, 1996). A ausência do olhar do outro e a não identificação pessoal seriam fatores que diminuiriam a vergonha e a auto-avaliação de si provocada pela exposição presencial.

Além das diferenças já descritas, Merkle e Richardson (2000) acreditam que a revelação de si na Internet pode ser menos influenciada pelos estereótipos de gênero tradicionais, presentes no contexto face a face. Por exemplo, há evidências de que, em contextos presenciais, as mulheres tendem a falar mais de si (Cozby, 1973; Foubert & Sholley, 1998; Shulman, Laursen, Kalman & Karpovsky, 1997) e a enfatizar mais os aspectos emocionais nas suas revelações do que os homens (Radmacher & Azmitia, 2006). Merkle e Richardson (2000) sugerem que as diferenças de gênero que são geralmente encontradas nas situações de revelação face a face podem ser diminuídas ou mesmo anuladas na rede. Neste sentido, acreditam que a Internet oportunizaria para os homens a possibilidade de falar mais abertamente de seus sentimentos e emoções, enquanto para as mulheres a rede ofereceria a liberdade para revelarem seus desejos e fantasias secretas, sem comprometer a imagem pessoal. Contudo, algumas pesquisas têm mostrado que alguns estereótipos de gênero presentes nas relações face a face também se manifestam no ambiente virtual (por exemplo, Merkle, 1999; Punyanunt-Carter, 2006; Whitty, 2002).

Na literatura brasileira, não foram localizados estudos que abordassem especificamente o tema da auto-revelação na Internet com jovens universitários. Em função disso, esta pesquisa teve por objetivo investigar, exploratoriamente, possíveis diferenças nas intenções

de revelação de si, entre jovens universitários, em contextos face a face e virtuais (*chats* ou salas de bate-papo), além de verificar diferenças entre os sexos. As questões norteadoras de pesquisa foram: os jovens percebem o ambiente virtual como mais propício ou menos propício à revelação pessoal a outra pessoa? Se diferenças entre os contextos virtual e presencial são percebidas, estas diferenças dependem dos temas de revelação e do sexo do interlocutor? E, por fim, homens e mulheres diferem quanto à sua disposição para revelar-se nos contextos virtual e presencial?

## Método

### *Participantes*

Participaram desta pesquisa 180 universitários com idades entre 18 e 36 anos ( $M=20,8$ ;  $DP=3,4$ ), dos quais 56,1% eram mulheres. Os estudantes eram provenientes dos cursos de Psicologia, Engenharias e Enfermagem, e cursavam do primeiro ao sexto semestre dos cursos. A amostra foi obtida por conveniência. Aproximadamente 85% dos participantes declararam já terem utilizado *chats* (salas de bate-papo) pelo menos uma vez. Entre os usuários, 18,9% relataram utilizar os *chats* uma vez ou mais durante a semana.

### *Instrumento*

O instrumento utilizado nesse estudo foi uma escala de revelação de si inspirada no Questionário de Revelação de Si de Jourard (1971), que foi adaptado para o português por Vilarinho (1988) com uma amostra de estudantes universitários. A escala de Vilarinho é composta por 40 itens distribuídos em seis áreas de revelação: atitudes e opiniões em geral (opiniões), gostos e interesses pessoais (gostos e interesses), percepções sobre o trabalho (trabalho), atitudes e sentimentos em relação a dinheiro (dinheiro), aspectos da personalidade (personalidade), e percepções e sentimentos sobre o corpo (corpo). No formato utilizado por Vilarinho os itens são apresentados aos sujeitos em cartões, sendo os mesmos instruídos a marcar, em uma folha com uma grade de respostas, o quanto eles estariam ou não dispostos a revelar determinados aspectos de si (indicados nos cartões) a diferentes pessoas. São exemplos de itens do instrumento (para cada uma das áreas de revelação de si): “O que faz eu realmente me sentir: aborrecido, ansioso ou com medo” (personalidade), “Sobre o modo como gasto meu dinheiro: no que gasto mais folgadoamente ou até bastante” (dinheiro), “Em relação à moda do vestuário: o que eu não gosto de usar” (gostos e interesses), “Minhas opiniões sobre os aspectos morais de um homem: o que eu considero digno e nobre” (opiniões), “Os meus sentimentos sobre diferentes partes do meu corpo: pernas, quadris, cintura, busto, etc: o que eu não gosto em mim” (corpo) e “As condições do meu trabalho: que eu acho precárias e desfavoráveis” (trabalho).

Nesta pesquisa foram alterados a forma de apresentação da escala e os alvos da revelação (situações de revelação). Ao invés de serem utilizados cartões individuais com cada um dos itens, estes foram apresentados impressos em uma mesma folha de respostas, como itens de um inventário. Respeitou-se, contudo, a ordem de apresentação dos itens. Já os alvos da revelação foram alterados em função dos objetivos desta pesquisa. Assim, para cada item, os participantes deveriam avaliar, em uma escala

Likert de 5 pontos, o quanto estariam ou não dispostos a revelar o aspecto de si descrito no item nas seguintes situações de revelação (alvos): amigo face a face, amiga face a face, desconhecido no *chat* e desconhecida no *chat*. A divisão dos alvos em “amigo/a face a face” e “desconhecido/a no *chat*” teve a função de caracterizar uma situação de não anonimato e de anonimato daquele que se revela, respectivamente.

Os índices de consistência interna (alpha de Cronbach) observados nesta pesquisa para as seis áreas e as quatro situações de revelação (alvos) variaram de 0,74 a 0,92, indicando boa fidedignidade. É importante ressaltar que o instrumento empregado não pretende avaliar a intensidade ou frequência de comportamentos reais de revelação de si, mas sim a intenção dos respondentes para se engajarem em tais comportamentos.

### *Procedimentos*

Os questionários foram aplicados em salas de aula, após contato com os professores e sua autorização. No início da aplicação foram explicados os objetivos e procedimentos da pesquisa, solicitando aos jovens a sua participação. Esclareceu-se que o estudo buscava conhecer a revelação de si de universitários nas salas de bate-papo da Internet, e que a participação no mesmo era opcional e voluntária. Foi explicado a forma de preenchimento do questionário e esclarecido ainda que não existiam respostas certas ou erradas, pois o interesse da pesquisa era conhecer as opiniões acerca da revelação de si nas salas de bate-papo. Informou-se também que os participantes não receberiam uma devolução individual acerca dos resultados da pesquisa, uma vez que os questionários eram anônimos. Termos de consentimento para participação na pesquisa foram obtidos antes do preenchimento do instrumento.

### *Análise dos dados*

A fim de investigar a existência de diferenças no nível de revelação de si entre homens e mulheres nas diferentes situações de comunicação foram realizadas análises de perfil para cada uma das áreas avaliadas. A análise de perfil (Tabachnick & Fidell, 2001) é um procedimento de análise multivariada na qual se verifica se o perfil de médias para um conjunto de variáveis (neste caso, os níveis de intenção de revelação nas diferentes situações: com amigo face a face, com amiga face a face, com um desconhecido no *chat*, com uma desconhecida no *chat*) é diferente para os grupos sendo comparados (no caso, homens e mulheres). O delineamento utilizado na análise foi, portanto, um delineamento fatorial 2 (fator entre-sujeitos: sexo – masculino, feminino) x 4 (fator intra-sujeitos: situação de comunicação – com amigo face a face, com amiga face a face, com um desconhecido no *chat*, com uma desconhecida no *chat*), sendo este último fator considerado como medida repetida.

## **Resultados**

Com o intuito de tornar mais compreensível a apresentação dos resultados, as informações relativas às análises estatísticas são descritas, inicialmente, de uma forma abreviada. Posteriormente, as médias obtidas são comentadas, sinalizando quando diferenças estatisticamente significativas tiverem sido observadas.

Em primeiro lugar foram realizadas as análises de perfil para cada uma das áreas de revelação. Para todas as seis áreas, os testes multivariados (usando o critério de Wilks) revelaram um efeito significativo ( $p < 0,005$ ) do fator situação de comunicação, indicando que pelo menos uma média diferia das demais quando comparadas as quatro situações de comunicação. A análise mostrou ainda uma interação significativa ( $p < 0,005$ ) entre os fatores sexo e situação de comunicação (nas seis áreas), o que ensejou a realização de análises específicas buscando identificar em quais situações de comunicação, dentro de cada área, havia diferenças significativas entre os sexos, além de diferenças entre as quatro situações de comunicação. Estas análises específicas consistiram em testes t para comparações de médias. Dado o caráter exploratório do estudo, adotou-se como critério para decidir se uma diferença específica era estatisticamente significativa um valor de  $p < 0,01$ .

Tabela 1 – Médias (e desvios-padrão) do Nível de Auto-Revelação em Função do Sexo e da Situação de Revelação para as Seis Áreas de Auto-Revelação

Área / sexo	Situação de Revelação				Dif. entre situações*
	Face a face amigo (1)	Face a face amiga (2)	Chat homem (3)	Chat mulher (4)	
Área: gostos e interesses					
Mulheres	2,99 (0,90)	3,14 (0,81)	2,64 (1,34)	2,64 (1,36)	1 ? 2
Homens	3,15 (0,81)	3,09 (0,86)	2,43 (1,27)	2,60 (1,12)	--
Área: trabalho					
Mulheres	2,27 (1,04)	2,45 (0,98)	1,41 (1,20)	1,43 (1,23)	--
Homens	2,47 (1,23)	2,40 (1,27)	1,31 (1,39)	1,38 (1,40)	--
Área: corpo					
Mulheres	1,93 (1,01)	2,27 (0,98)	1,19 (1,13)	1,24 (1,16)	1 ? 2
Homens	2,16 (1,03)	2,13 (1,11)	1,36 (1,12)	1,55 (1,14)	--
Área: personalidade					
Mulheres	2,04 (0,90)	2,33 (0,83)	1,26 (0,87)	1,28** (0,88)	1 ? 2
Homens	2,24 (0,83)	2,37 (0,83)	1,23 (0,94)	1,66** (0,92)	3 ? 4
Área: dinheiro					
Mulheres	2,01** (1,02)	2,17 (0,93)	1,18 (1,02)	1,21 (1,03)	1 ? 2
Homens	2,47** (0,84)	2,30 (0,98)	1,39 (1,08)	1,42 (1,04)	--
Área: opiniões					
Mulheres	2,60** (0,91)	2,73 (0,86)	2,03 (1,15)	2,05 (1,12)	1 ? 2
Homens	2,95** (0,82)	2,86 (0,86)	2,13 (1,23)	2,25 (1,15)	--

Nota: as médias podem variar de 0 a 4.

\* em todas as áreas e para ambos os sexos foram observadas diferenças significativas ( $p < 0,01$ ) entre as situações 1 e 3, 1 e 4, 2 e 3, 2 e 4, além das diferenças indicadas na tabela.

\*\* diferença estatisticamente significativa ( $p < 0,01$ ) entre os sexos na área de revelação.

A Tabela 1 exhibe as médias e os desvios-padrão observados para cada uma das áreas de revelação de si adotadas no estudo, conforme o sexo e a situação de comunicação. Note-se, desde já, que em todas as áreas observou-se uma diferença no nível de revelação de si quando se comparou as situações face a face com a as situações de *chat*, tanto entre homens quanto entre mulheres. Para ambos os sexos, a revelação na situação face a face foi superior à da situação de *chat*, não importando se o interlocutor da revelação fosse homem ou mulher (estas diferenças são indicadas como nota nas Tabela 1, para facilitar a visualização de outras diferenças).

As mulheres apresentaram (Tabela 1) uma maior intenção de revelação de si no que diz respeito a “gostos e interesses” para amigas do que para amigos nas situações face a face. Já em relação ao assunto “trabalho” as únicas diferenças observadas foram as já referidas anteriormente entre as situações face a face e de *chat*. Para o tema “corpo”, os dados da tabela indicam que as mulheres apresentaram uma maior intenção de revelação de si para amigas do que para amigos nas situações face a face.

Observando-se a Tabela 1, percebe-se que, no que se refere ao assunto “personalidade”, as mulheres apresentaram uma maior intenção de revelação de si para amigas do que para amigos nas situações face a face. Por sua vez, os homens mostraram uma disposição a revelar mais da sua personalidade em *chats* para mulheres do que para outros homens. Além disso, nas situações de *chat*, os homens apresentaram maior nível de intenção de revelação de aspectos da personalidade do que as mulheres quando o interlocutor (alvo) era uma mulher. Note-se que, para interlocutores do sexo masculino, a disposição para revelação de homens e mulheres em *chats* foi igual.

Em relação ao tema “dinheiro”, as mulheres apresentaram uma maior intenção de revelação de si para amigas do que para amigos nas situações face a face. Quando comparados às mulheres, no entanto, os homens declararam disposição de revelar mais de si mesmos para amigos em situações face a face (no que se refere a dinheiro).

Por fim, quanto ao assunto “opiniões”, verificou-se que as mulheres declararam uma disposição a revelar mais suas opiniões para amigas do que para amigos nas situações face a face. Já os homens pontuaram mais alto na intenção de revelação de opiniões para amigos (em situação face a face) do que as mulheres.

## **Discussão**

Um dos objetivos desta pesquisa foi verificar se jovens universitários perceberiam o contexto virtual (*chats*) como mais propício à revelação de si do que o contexto presencial (ou o contrário). Nesse sentido, houve uma convergência nos resultados: para todas as áreas de revelação e para ambos os sexos os participantes mostraram maior intenção de revelação de si no contexto presencial. Tal constatação indica que os jovens universitários preferem os contatos face a face aos virtuais para exporem aspectos de sua intimidade aos outros. Portanto, embora alguns autores considerem que o ambiente virtual facilitaria a auto-revelação (Merkle & Richardson, 2000; Schnarch, 1997; Suller, 1999), os resultados desta pesquisa sugerem o contrário, ou seja, os jovens não se mostraram mais dispostos à revelação no ambiente virtual do que no presencial. Deve-se considerar, é claro, que neste estudo foi investigada a intenção de revelação de si, e não a frequência ou



intensidade real de comportamentos auto-revelatórios. Além disso, a maioria dos participantes deste estudo não eram usuários costumazes de *chats*. Em função disso, sua reticência em relação à revelação nas salas de bate-papo pode ser um reflexo da falta de familiaridade dos participantes com esse ambiente. É possível que, com o uso dos *chats*, as pessoas passem a se sentir mais à vontade para revelar aspectos de si mesmas na rede, à medida em que vão explorando essa nova maneira de se relacionar com os outros e, possivelmente, experimentando conseqüências pessoais positivas desses encontros (por exemplo, perceber que chamam a atenção de alguém, que são capazes de manter uma conversa interessante com desconhecidos, que podem conhecer novas pessoas e criar amizades etc).

Contudo, o fato de os participantes terem demonstrado preferência pelo ambiente presencial para a revelação de si é um resultado que enseja reflexão. Por um lado, como mencionado anteriormente, ele pode indicar que existe uma atitude de temor frente aos riscos que os contatos via Internet representam, e tal atitude precavida pode fazer com que muitas pessoas, ainda que justificadamente, acabem não explorando as potencialidades dessa modalidade de contato interpessoal. Existe, de fato, um discurso presente na mídia que patologiza e alerta para os perigos do uso da Internet, ao ponto em que até mesmo usuários que possuem uma experiência positiva com o uso da rede adotam estratégias de distanciamento, relativização e desqualificação bem-humorada para lidar com a discrepância percebida entre as suas práticas e esse discurso (Nicolacida-Costa, 2002).

Por outro lado, porém, a preferência pelo ambiente presencial como contexto para a auto-revelação também pode estar mostrando que a revelação de si, se for entendida como um processo psicológico que visa o estabelecimento de intimidade e a criação de um elo afetivo, só adquire um significado pessoal mais relevante quando o interlocutor é reconhecido como alguém importante para aquele que está se revelando. Assim, pode-se questionar a idéia de que o anonimato possibilitado pela Internet seria um fator facilitador da revelação de si e que ajudaria no estabelecimento de relacionamentos mais autênticos ou maduros. Os *chats*, com certeza, possibilitam um aumento na quantidade de contatos que os indivíduos conseguem estabelecer. No entanto, a qualidade destes contatos, no que diz respeito à revelação de si, talvez seja baixa quando comparada à qualidade dos contatos presenciais; neste estudo, pelo menos, os participantes não pareceram dispostos a revelar-se mais nos contatos virtuais com pessoas desconhecidas do que com pessoas conhecidas em contextos face a face. De fato, muitas pessoas talvez vejam as salas de bate-papo da Internet essencialmente como um espaço lúdico e de exploração, e não como um ambiente no qual poderão se auto-revelar e assim estabelecer relacionamentos interpessoais significativos. Nesse sentido, a Internet funcionaria como uma espécie de laboratório social no qual as pessoas podem explorar e experimentar diferentes versões de si mesmas, graças ao relativo anonimato dos usuários e aos seus diversos recursos comunicacionais (Bargh, McKenna & Fitzsimons, 2002), mas não seria um espaço de construção de intimidade. Conclusões similares foram obtidas por Dias (2003) em um estudo com adolescentes, no qual observou que os jovens na rede buscavam principalmente



lazer e diversão, e não o estabelecimento de relações significativas, nas quais informações verdadeiras acerca do eu são fundamentais.

Além de investigar diferenças entre os ambientes virtual e real no que diz respeito à auto-revelação, este estudo também procurou verificar se tais diferenças dependeriam do assunto revelado e do sexo do interlocutor, bem como possíveis diferenças relacionadas ao gênero. Nesse sentido, as mulheres mostraram-se mais dispostas à revelação de si em contextos face a face com amigas do que com amigos, em cinco das seis áreas de revelação. Já os homens mostraram igual disposição de revelação para amigos homens e amigas mulheres, quando em contextos presenciais. Tal resultado é coerente com as expectativas sociais de que as mulheres compartilhem mais seus sentimentos, falem mais de si e que ouçam mais os outros, expectativas estas verificadas em alguns estudos que tratam da auto-revelação em ambientes presenciais e virtuais (por exemplo, Foubert & Sholley, 1998; Radmacher & Azmitia, 2006; Whitty, 2002).

Assim, é compreensível que mulheres tenham indicado preferir conversar mais (ou estimem conversar mais) com outras mulheres do que com homens, ainda que amigos. Por sua vez, os homens não parecem ter uma preferência de gênero na revelação de si presencial. Talvez se pudesse esperar que os homens apresentassem uma maior disposição de revelação aos amigos em contextos face a face, dado que o círculo de amizades dos homens tende a ser composto também por homens em sua maioria. Porém, em contraste com o resultado observado entre as mulheres, a ausência de diferenças em função do alvo da revelação sugere que os homens talvez confiem mais no sexo oposto para falarem de si do que as mulheres, possivelmente por perceberem nestas uma maior receptividade à sua revelação.

Esta última hipótese parece ser válida também para explicar o fato de os homens terem exibido uma maior intenção de revelação de aspectos da personalidade para mulheres do que para outros homens, nos *chats*. Além disso, observou-se uma diferença de gênero na intenção de revelação quando o alvo da revelação era uma mulher no *chat*, com os homens demonstrando maior disposição à auto-revelação do que as próprias mulheres. Estes são resultados interessantes, pois sugerem que as salas de bate-papo podem estar sendo vistas pelos homens como uma oportunidade de revelar-se de um modo mais autêntico com alguém do sexo oposto do que as mulheres (embora o contato face a face seja preferido). Deve-se notar que a dimensão de auto-revelação chamada “personalidade” trata de conteúdos que dizem respeito mais diretamente aos sentimentos e à identidade pessoal, temas que muitos homens talvez sintam dificuldade em expressar para outras pessoas, em virtude dos estereótipos culturais. O fato de os homens se mostrarem mais dispostos a falar de sua personalidade em *chats* para mulheres desconhecidas faz pensar que no ambiente virtual os homens podem se sentir menos preocupados em causar uma boa impressão baseada na imagem pessoal, e assim revelam aspectos do seu eu que não se sentiriam à vontade para revelar em um contexto presencial. Uma vez que se trata de um tema que não é considerado popularmente “conversa de homem”, compreende-se o interesse dos homens em poder falar sobre estes aspectos de si mesmos com mulheres, supostamente mais receptivas a estes assuntos.

Não se pode esquecer, no entanto, que os resultados desta pesquisa mostraram que a intenção de revelação no contexto presencial foi maior do que no virtual. Assim, embora os *chats* tenham sido percebidos como um ambiente diferenciado de revelação de aspectos da personalidade em homens (uma vez que neste ambiente houve a preferência por um interlocutor do sexo oposto), tal tipo de revelação anônima não parece substituir ou ser mais importante do que a revelação face a face. É possível, também, que a forma ou mesmo a profundidade ou grau de sinceridade acerca daquilo que é revelado sobre a personalidade seja diferente nos contextos presencial e virtual. Esta é uma questão que merece ser melhor investigada em estudos futuros.

Outras diferenças entre homens e mulheres também foram observadas nas áreas dinheiro e opiniões, mas apenas na situação de revelação para amigos em contextos face a face. Em ambos os casos os homens mostraram uma intenção de revelação nessas áreas maior do que as mulheres. Isso sugere que esses temas são mais salientes para os homens em seus encontros presenciais com outros homens, indicando uma certa “superficialidade” de conteúdo na auto-revelação masculina face a face, ao menos quando comparada à auto-revelação feminina. De fato, algumas pesquisas mostram que os homens, na auto-revelação, focalizam mais os aspectos externos ou visíveis das suas identidades (como atividades realizadas), enquanto mulheres descrevem a si mesmas privilegiando mais os aspectos íntimos do si mesmo (Hogdson & Fischer, 1979; Radmacher & Azmitia, 2006). Cabe ressaltar, contudo, que para ambos os sexos e nos dois contextos de revelação (presencial e virtual) os temas com escores mais altos de intenção de revelação foram “gostos e interesses” e “opiniões”, o que mostra que tanto homens quanto mulheres tendem a revelar mais de si mesmos em assuntos menos íntimos, como seria de se esperar, uma vez que é necessário o estabelecimento de uma certa intimidade entre os interlocutores para que ocorra a auto-revelação de assuntos mais pessoais (Whitty, 2002).

Em síntese, os resultados desta pesquisa sugerem que a Internet não é percebida por muitos jovens como um espaço privilegiado de auto-revelação (ao menos nos *chats*), quando comparada às possibilidades de revelação presenciais. Esse resultado instiga o desenvolvimento de novas pesquisas que investiguem qual o lugar que a comunicação via rede possui na vida das pessoas, pois ele contrasta com os resultados de outras pesquisas que sugerem uma maior auto-revelação dos sujeitos na Internet (Bargh, McKenna & Fitzsimons, 2002; McKenna, Green & Gleason, 2002; Suller, 1999). Como comentado antes, talvez a discrepância observada deva-se ao fato de que os participantes deste estudo não estavam habituados ao uso da rede. Caso fossem usuários costumazes de *chats* é possível que o padrão de resultados fosse outro. No entanto, fica em aberto a questão: por quê algumas pessoas mostram-se mais dispostas a se revelar na rede e outras não? É razoável supor que indivíduos que declaram baixa disposição para revelação de si na Internet em comparação aos contextos presenciais, como se observou neste estudo, provavelmente não buscarão ativamente os *chats* com o intuito de estabelecerem relações de intimidade que impliquem auto-revelação. Então, o que faz com que alguns procurem esse tipo de

relação? Existem características pessoais prévias ao uso dos chats que explicam esse comportamento? Algumas pesquisas têm sugerido que indivíduos ansiosos e solitários valorizam algumas características da comunicação mediada por computador, como a controlabilidade e a reciprocidade (Morathan-Martin, 1999; Morathan-Martin & Schumacher, 2003; Kraut e cols., 1998; Peter & Valkenburg, 2006). Outras variáveis pessoais, como traços de personalidade, podem ser incluídas em pesquisas futuras a fim de enriquecer a compreensão acerca dos fatores que afetam a auto-revelação na Internet. Além disso, nesta pesquisa focalizou-se especificamente as salas de bate-papo como ambiente de encontro e relações interpessoais. Todavia, existem outras formas de comunicação via rede (correio eletrônico, *instant messaging* etc) que possuem características diferentes dos *chats*, cujos efeitos na auto-revelação também merecem ser estudados.

Da mesma forma, merecem aprofundamento as questões de gênero implicadas na revelação de si no ambiente virtual. Este estudo mostrou que os homens, mais do que as mulheres, parecem que podem se beneficiar do anonimato da rede, especialmente quando se trata de revelar aspectos de suas personalidades para mulheres. Contudo, esta suposição de algum benefício é especulativa, pois as razões que levaram os sujeitos a relatar uma maior disposição à revelação não foram investigadas nesta pesquisa. Assim, são necessários novos estudos, inclusive qualitativos, que focalizem as crenças que homens e mulheres têm sobre a comunicação através de *chats*, bem como as motivações que levam os indivíduos a procurar (ou não procurar) esse tipo de comunicação interpessoal.

## Referências

- Bargh, J. A., McKenna, K. Y. A., & Fitzsimons, G. M. (2002). Can you see the Real Me? Activation and expression of the “True Self” on the Internet. *Journal of Social Issues*, 58, 33-48.
- Cozby, P. C. (1973). Self-disclosure: A literature review. *Psychological Bulletin*, 79, 73-91.
- Dias, A. C. G. (2003). *A revelação de si na Internet: um estudo com adolescentes*. Tese de Doutorado não publicada. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Foubert, J. D., & Sholley, B. K. (1996). Effects of gender, gender role, and individualized trust on self-disclosure. *Journal of Social Behaviour and Personality*, 11, 277-288.
- Grayson, P. A., & Schwartz, V. (2000). Commentary on “Contrasting case studies of frequent Internet use: Is it pathological or adaptative?” *Journal of College Student Psychotherapy*, 14, 19-22.
- Hodgson, J. W., & Fischer, J. L. (1979). Sex differences in identity and intimacy development in college youth. *Journal Youth and Adolescence*, 8, 37-50.
- Joinson, A. N. (2001). Self-disclosure in computer mediated communication: The role of self-awareness and visual anonymity. *European Journal of Social Psychology*, 31, 177-192.
- Jourard, S. (1971). *Self-disclosure: an experimental analysis of the transparent self*. London: Wiley Inter Science.

- Kraut, R., Patterson, M., Lundmark, V., Kiesler, S., Mukopadhyay, T., & Scherlis, W. (1998). A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? *American Psychologist*, *53*, 1017-1031.
- Leitão, C. F., & Nicolaci-da-Costa, A.M. (2000). Psicologia clínica e informática: porque essa inusitada aproximação. *Psicologia Clínica*, *10*, 189-205.
- Leon, D. T., & Rotunda, R. J. (2000). Contrasting case studies of frequent Internet use: Is it pathological or adaptative? *Journal of College Student Psychotherapy*, *14*, 9-18.
- Mckenna, K. Y. A., Green, A. S., & Gleason, M. E. J. (2002). Relationship formation on the Internet: What's the big attraction? *Journal of Social Issues*, *58*, 9-31.
- Merkle, E. (1999). *Romance in the era of technology: An examination of the effects of propinquity and self-disclosure on intimacy within computer mediated relationships*. Unpublished master's thesis, Kent State University.
- Merkle, E. R., & Richardson, R. (2000). Digital dating and virtual relating: Conceptualizing computer mediated romantic relationships. *Family Relations*, *49*, 187-192.
- Morathan-Martin, J. (1999). The relationship between loneliness and Internet use and abuse. *Cyber Psychology and Behavior*, *2*, 431-440.
- Morathan-Martin, J., & Schumacher, P. (2003). Loneliness and social uses of the Internet. *Computers in Human Behavior*, *19*, 659-671.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2002). Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito? *Estudos de Psicologia*, *7* (2), 25-35.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (2005). Primeiros contornos de uma nova "configuração psíquica". *Cadernos Cedes*, *25* (65), 71-85.
- Parks, M. R., & Floyd, K. (1996). Making friends in cyberspace. *Journal of Communication*, *46* (1), 80-97.
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2006). Research note: Individual differences in perceptions of Internet communication. *European Journal of Communication*, *21*, 213-226.
- Punyanunt-Carter, N. M. (2006). An analysis of college students' self-disclosure behaviors on the Internet. *College Student Journal*, *40*, 329-331.
- Radmacher, K., & Azmitia, M. (2006). Are there gendered pathways to intimacy in early adolescents' and emerging adults' friendships? *Journal of Adolescent Research*, *21*, 415-448.
- Schnarch, D. (1997). Sex, intimacy, and Internet. *Journal of Sex Education Therapy*, *22*, 15-20.
- Shulman, S., Laursen, B., Kalman, Z., & Karpovsky, S. (1997). Adolescent intimacy revisited. *Journal Youth and Adolescence*, *26*, 597-617.
- Suller, J. (1999). *Do boys (and girls) just wanna have fun? Gender-switching in cyberspace*. Disponível: <[www.rider.edu/users/suler/psycyber/genderswap.html](http://www.rider.edu/users/suler/psycyber/genderswap.html)> Acessado: 04/02/2005
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2001). *Using multivariate statistics*. 5. ed. Needham Heights: Allyn & Bacon.
- Velkovska, J. (2002). L'intimité anonyme dans les conversations électroniques sur les webchats. *Sociologie du Travail*, *44*, 193-213.

- Vilarinho, M. A. S. (1988). *Disponibilidade para auto-revelar-se a estranhos: Um estudo em estudantes de psicologia*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Weisgerber, C. (2000). Meeting strangers in cyberspace and real-life : A comparison of initial face-to-face and computer-mediated interaction. *Paper presented at the Annual NCA Meeting*, Washington, November 2000.
- Whitty, M. T. (2002). Liar, liar! An examination of how open, supportive and honest people are in chat rooms. *Computers in Human Behavior*, 18, 343-352.

---

**Recebido em janeiro de 2007**

**Aceito em janeiro de 2008**

**Ana Cristina Garcia Dias:** psicóloga; doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (USP/SP); professora do Curso de Psicologia da UFSM – Santa Maria.

**Marco Antônio Pereira Teixeira:** psicólogo; doutor em Psicologia do Desenvolvimento Humano (UFRGS); professor do Curso de Psicologia da UFRGS – Porto Alegre.

**Endereço para correspondência:** cristcris@hotmail.com